

2009
vestibular nacional
UNICAMP

1ª Fase

Redação

INTRODUÇÃO

Uma boa compreensão da concepção e do nível de exigência de uma prova é fundamental para que os candidatos possam se preparar adequadamente. Esta é a motivação para elaborarmos, todos os anos, este Caderno de Questões. Os comentários das redações aqui reproduzidas buscam ilustrar a concepção da prova de Redação do vestibular Unicamp e, juntamente com as publicações de anos anteriores, procuram reafirmar os critérios de correção adotados.

Com esta publicação, visamos estabelecer um diálogo com os leitores para que este exame não seja apenas um mecanismo de seleção, mas sim um instrumento educacional, potencialmente capaz de colaborar com mudanças mais profundas no ensino médio.

Importa lembrar, mais uma vez, que a prova de Redação da Unicamp também é uma prova de leitura, na medida em que inclui uma coletânea de textos de uso obrigatório. Vínhamos constatando um grande número de redações anuladas em decorrência da evidente falta de uso dessa coletânea. A ocorrência de redações anuladas em função desse problema diminuiu; contudo ainda persistem anulações causadas pela fuga ao recorte temático da proposta escolhida. Uma das razões desse tipo de anulação deve-se a uma leitura parcial ou incompleta da coletânea, visto que cada uma das três propostas da prova de redação pressupõe a compreensão do conjunto dos excertos da coletânea.

Gostaríamos de chamar a atenção dos candidatos e de seus professores para a necessidade da leitura de toda a coletânea. Desde a prova de 2004, a coletânea de textos é única para as três propostas. Uma das finalidades dessa unificação foi a de indicar que a prática da leitura é fundamental para a elaboração de qualquer tipo de texto. Desse modo, independentemente da proposta escolhida, os candidatos devem levar em consideração o conjunto de textos apresentados na coletânea.

Finalmente, cabe ressaltar que a proposta de selecionar redações de níveis distintos não deve ser tomada como uma exposição de modelos a serem copiados ou evitados. Trata-se, sobretudo, de indicar parâmetros que, segundo os critérios da prova de Redação Unicamp, devem ser considerados no ensino fundamental e médio.

A prova de Redação 2009 é apresentada a seguir. Algumas de suas características mais evidentes, relacionadas à estrutura e à concepção da coletânea, serão enfatizadas na segunda seção. Na terceira seção, serão discutidas as três propostas. Na última, serão comentadas redações de níveis distintos, com base nos critérios utilizados na correção.

1. A PROVA DE REDAÇÃO 2009

O tema geral da prova da primeira fase é **O homem e os animais**. A redação propõe três recortes desse tema.

Propostas:

Cada proposta apresenta um recorte temático a ser trabalhado de acordo com as instruções específicas.

Escolha uma das três propostas para a redação (dissertação, narração ou carta) e assinale sua escolha no alto da página de resposta.

Coletânea:

A coletânea é única e válida para as três propostas. Leia toda a coletânea e selecione o que julgar pertinente para a realização da proposta escolhida. Articule os elementos selecionados com sua experiência de leitura e reflexão. **O uso da coletânea é obrigatório.**

ATENÇÃO – sua redação **será anulada** se você desconsiderar a **coletânea** ou fugir ao **recorte temático** ou não atender ao **tipo de texto** da proposta escolhida.

Apresentação da Coletânea

De acordo com a época e a cultura, o homem se relaciona de diferentes formas com os animais. Essa relação tem sido motivo de intenso debate, principalmente no que diz respeito à responsabilidade do homem sobre a vida e o bem-estar das demais espécies do planeta.

Coletânea

1) O fundamento jurídico para a proteção dos animais, no Brasil, está no artigo 225 da Constituição Federal, que incumbe o Poder Público de *“proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção das espécies ou submetam os animais à crueldade”*. Apoiada na Constituição, a Lei 9605, de 1998, conhecida como Lei de Crimes Ambientais, criminaliza a conduta de quem *“praticar ato de abuso, maus tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos”*. Contudo, perguntas inevitáveis surgem: como o Brasil ainda compactua, em meio à vigência de leis ambientais avançadas, com tantas situações de crueldade com os animais, por vezes aceitas e legitimadas pelo próprio Estado? Rinhas, farra do boi, carrocinha, rodeios, vaquejadas, circos, veículos de tração, gaiolas, vivisseção (operações feitas em animais vivos para fins de ensino e pesquisa), abate, etc. – por que se mostra tão difícil coibir a ação de pessoas que agredem, exploram e matam os animais? (Adaptado de Fernando Laerte Levai, Promotoria de Defesa Animal. www.sentiens.net, 04/2008.)

2) A Câmara Municipal do Rio de Janeiro aprovou, no início de 2008, uma lei que, se levada à prática, obstruiria uma parte significativa da pesquisa científica realizada na cidade por instituições como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), as universidades federal e estadual do Rio de Janeiro e o Instituto Nacional do Câncer (Inca). De autoria do vereador e ator Cláudio Cavalcanti, um destacado militante na defesa dos direitos dos animais, a lei tornou ilegal o uso de animais em experiências científicas na cidade. A comunidade acadêmica reagiu e mobilizou a bancada de deputados federais do Estado para ajudar a aprovar o projeto de lei conhecido como Lei Arouca. A lei municipal perderia efeito se o projeto federal saísse do papel. Paralelamente, os pesquisadores também decidiram partir para a desobediência e ignorar a lei municipal. *“Continuaremos trabalhando com animais em pesquisas cujos protocolos foram aprovados pelos comitês de ética”*, diz Marcelo Morales, presidente da Sociedade Brasileira de Biofísica (SBBF) e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), um dos líderes da reação dos cientistas. A interrupção do uso de animais geraria prejuízos imediatos com repercussão nacional, como a falta de vacinas (hepatite B, raiva, meningite, BCG e febre amarela), fabricadas, no Rio, pela Fiocruz, pois a inoculação em camundongos atesta a qualidade dos antígenos antes que eles sejam aplicados nas pessoas. *“Também é fundamental esclarecer à população que, se essas experiências forem proibidas, todos os nossos esforços recentes para descobrir vacinas contra dengue, Aids, malária e leishmaniose seriam jogados literalmente no lixo”*, diz Renato Cordeiro, pesquisador do Departamento de Fisiologia e Farmacodinâmica da Fiocruz. Marcelo Morales enumera outros prejuízos: *“pesquisas sobre células-tronco no campo da cardiologia, da neurologia e de moléstias pulmonares e renais, lideradas por pesquisadores da UFRJ, e de terapias contra o câncer, realizadas pelo Inca, teriam de ser interrompidas”*. (Adaptado de Fabrício Marques, Sem eles não há avanço. *Revista Pesquisa Fapesp*, no.144, 02/2008, pp. 2-6.)

3) O Senado aprovou, em 9 de setembro de 2008, o projeto da Lei Arouca, que estabelece procedimentos para o uso científico de animais. A matéria vai agora à sanção presidencial. A lei cria o Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA), que será responsável por credenciar instituições para criação e utilização de animais destinados a fins científicos e estabelecer normas para o uso e cuidado dos animais. Além de credenciar as instituições, o CONCEA terá a atribuição de monitorar e avaliar a introdução de técnicas alternativas que substituam o uso de animais tanto no ensino quanto nas pesquisas científicas. O CONCEA será presidido pelo Ministro da Ciência e Tecnologia e terá representantes dos Ministérios da Educação, do Meio Ambiente, da Saúde e da Agricultura. Dentre outros membros, integram o CONCEA a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a Academia Brasileira de Ciências, a Federação de Sociedades de Biologia Experimental (FeSBE), a Federação Nacional da Indústria Farmacêutica e dois representantes de sociedades protetoras dos animais legalmente estabelecidas no país. (Adaptado de Daniela Oliveira e Carla Ferenshitz, Após 13 anos de tramitação Lei Arouca é aprovada. *Jornal da Ciência* (SBPC), www.jornaldaciencia.org.br, 09/2008.)

4) Grande parte de nossa sociedade acredita na necessidade incondicional das experiências com animais. Essa crença baseia-se em mitos, não em fatos, e esses mitos precisam ser divulgados a fim de evitar a consolidação de um sistema pseudo-científico. As experiências com animais pertencem – assim como a tecnologia genética ou o uso da energia atômica – a um sistema de pesquisas e exploração que despreza a vida. Um desses mitos é o de que tais experiências possibilitaram o combate às doenças e assim permitiram aumentar a média de vida. Esse aumento, entretanto, deve-se, principalmente, ao declínio das doenças infecciosas e à conseqüente diminuição da mortalidade infantil, cujas causas foram as melhorias das condições de saneamento, a tomada de consciência em questões de higiene e uma alimentação mais saudável, e não a introdução constante de novos medicamentos e vacinas. Da mesma maneira, os elevados coeficientes de mortalidade infantil no Terceiro Mundo podem ser atribuídos aos problemas sociais, como a pobreza, a desnutrição, e não à falta de medicamentos ou vacinas. Outro mito é o de que as experiências com animais não prejudicam a humanidade.

Na realidade, elas é que tornam as atuais doenças da civilização ainda mais estáveis. A esperança da descoberta de um medicamento por meio de pesquisas com animais destrói a motivação das pessoas para tomarem uma iniciativa própria e mudarem significativamente seu estilo de vida. Enquanto nos agarramos à esperança de um novo remédio contra o câncer ou contra as doenças cardiovasculares, nós mesmos – e todo o sistema de saúde – não estamos suficientemente motivados para abolir as causas dessas enfermidades, ou seja, o fumo, as bebidas alcoólicas, a alimentação inadequada, o *stress*, etc. Um último mito a ser destacado é o de que leigos, por falta de conhecimento especializado, não podem opinar sobre experiências com animais. Esse mito proporcionou, durante dezenas de anos, um campo livre para os vivisseccionistas. Deixar que os próprios pesquisadores julguem a necessidade e a importância das experiências com animais é semelhante a deixar que uma associação de açougueiros emita parecer sobre alimentação vegetariana. Não serão justamente aqueles que estão engajados no sistema de experiências com animais que irão questionar a vivissecação!

(Adaptado de Bernhard Rambeck, Mito das experiências em animais. *União Internacional Protetora dos animais*, www.uipa.com.br, 04/2007.)

5) A violência exercida contra os animais suscita uma reprovação crescente por parte das opiniões públicas ocidentais, que, freqüentemente, se torna ainda mais vivaz à medida que diminui a familiaridade com as vítimas. Nascida da indignação com os maus-tratos infligidos aos animais domésticos e de estimação, em uma época na qual burros e cavalos de fiacre faziam parte do ambiente cotidiano, atualmente a compaixão nutre-se da crueldade a que estariam expostos seres com os quais os amigos dos animais, urbanos em sua maioria, não têm nenhuma proximidade física: o gado de corte, pequenos e grandes animais de caça, os touros das touradas, as cobaias de laboratório, os animais fornecedores de pele, as baleias e as focas, as espécies selvagens ameaçadas pela caça predatória ou pela deterioração de seu habitat, etc. As atitudes de simpatia para com os animais também variam, é claro, segundo as tradições culturais nacionais. Todavia, na prática, as manifestações de simpatia pelos animais são ordenadas em uma escala de valor cujo ápice é ocupado pelas espécies percebidas como as mais próximas do homem em função de seu comportamento, fisiologia, faculdades cognitivas, ou da capacidade que lhes é atribuída de sentir emoções, como os mamíferos. Ninguém, assim, parece se preocupar com a sorte dos arenques ou dos bacalhaus, mas os golfinhos, que com eles são por vezes arrastados pelas redes de pesca, são estritamente protegidos pelas convenções internacionais. Com relação às medusas ou às tênias, nem mesmo os membros mais militantes dos movimentos de liberação animal parecem conceder-lhes uma dignidade tão elevada quanto à outorgada aos mamíferos e aos pássaros. O antropocentrismo, ou seja, a capacidade de se identificar com não-humanos em função de seu suposto grau de proximidade com a espécie humana, parece assim constituir a tendência espontânea das diversas sensibilidades ecológicas contemporâneas. (Adaptado de Philippe Descola, Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, vol.4, n.1, Rio de Janeiro, 04/1998.)

6)



Manifestação de militantes da ONG *Vegan Staff* na 60ª. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), www.veganstaff.org, 07/2008.

Proposta A

Leia a coletânea e elabore sua dissertação a partir do seguinte recorte temático:

O uso de animais em experimentação científica tem sido muito debatido porque envolve reivindicações dos cientistas e dos movimentos organizados em defesa dos animais, assim como mudanças na legislação vigente.

Instruções:

- 1- Discuta o uso de animais em experimentação científica.
- 2- Trabalhe seus argumentos no sentido de apontar as controvérsias a respeito desse uso.
- 3- Explore os argumentos de modo a justificar seu ponto de vista sobre essas controvérsias.

Proposta B

Leia a coletânea e elabore sua narrativa a partir do seguinte recorte temático:

Os movimentos organizados em defesa dos animais têm sensibilizado uma parcela da sociedade, que busca adotar novas condutas, coerentes com princípios de responsabilidade em relação às diversas espécies.

Instruções:

- 1- Imagine uma personagem que decide mudar de hábitos para ser coerente com sua militância em defesa dos animais.
- 2- Narre os conflitos gerados por essa decisão.
- 3- Sua história pode ser narrada em primeira ou terceira pessoa.

Proposta C

Leia a coletânea e elabore sua carta a partir do seguinte recorte temático:

As controvérsias sobre o uso de animais em experimentação científica não se encerraram com a recente aprovação, pelo Senado, da Lei Arouca, que cria o CONCEA.

Instruções:

- 1- Escolha um ponto de vista em relação ao uso de animais em experimentação científica.
- 2- Argumente no sentido de solicitar que seu ponto de vista prevaleça na atuação do CONCEA.
- 3- Dirija sua carta a um membro do CONCEA que possa apoiar sua solicitação.

2. A COLETÂNEA

Como nas provas dos últimos cinco anos, o conjunto de excertos que compõem a coletânea de 2009 serve de subsídio para as três propostas de redação, conforme se observou na Introdução. Portanto, não há excertos exclusivos para qualquer uma das três propostas. A coletânea tem por objetivo suscitar a reflexão do candidato sobre o tema. Espera-se que ele articule sua experiência prévia de vida, leitura e reflexão com o que é apresentado pela coletânea.

A banca elaboradora reitera que a coletânea não é pensada como um roteiro interpretativo, mas como um conjunto de possibilidades diversas de abordar a complexidade do tema, com o qual, supõe-se, o candidato já tenha tido algum contato. Além disso, a coletânea não define uma hierarquia entre os excertos, que podem ser aproveitados de diferentes maneiras, conforme o modo de cada candidato mobilizar seu trabalho de leitura e escrita em função de seu projeto de texto.

Seguindo a tradição do vestibular da Unicamp, os excertos são de natureza diversa. Na prova deste ano, há textos jornalísticos (artigos, notícias), textos de divulgação, ensaios e uma imagem. O conjunto de textos multimodais (verbais e não verbais) trata da relação do homem com os animais, enfocando a responsabilidade do mesmo sobre a vida e o bem-estar das demais espécies do planeta.

Tendo em conta essa diversidade, cabe ao candidato não somente se apropriar das informações e dados disponíveis na coletânea, como também adaptá-los ao tipo de texto que será escrito. Ou seja, trata-se de um exercício de transformação no qual o aluno pode fazer migrar, entre outras possibilidades, elementos vindos de

um texto jornalístico ou de uma imagem para um texto dissertativo, narrativo ou para uma carta. Assim, não é preciso haver uma carta na coletânea para se escrever uma carta, por exemplo.

Notamos, nos textos narrativos (Proposta B), uma dificuldade muito grande, por parte dos candidatos, em transpor conceitos, dados, questões mais amplas e abstratas da coletânea para uma situação narrativa concreta e particular. Isto é, os candidatos revelam dificuldades para armar conflitos, construir personagens e situá-las em um tempo e espaço determinados a partir do uso da coletânea. Este é um ponto a ser trabalhado pelos professores, de modo a amadurecer a relação dos alunos com a elaboração de textos ficcionais.

3. AS PROPOSTAS

É importante salientar que, desde 2004, a prova de Redação apresenta três propostas que estão integradas ao conjunto da coletânea. A cada proposta correspondem: um tipo de texto, um recorte temático e instruções específicas.

Chamamos a atenção para o fato de que o recorte temático da proposta escolhida pelo candidato deve necessariamente ser trabalhado de acordo com as respectivas instruções. É a partir delas que o candidato deve desenvolver sua redação, sempre de acordo com o tipo de texto da proposta escolhida. As instruções indicam a necessidade da formulação de argumentos, no caso do texto dissertativo; da construção da voz narrativa, no caso da prosa ficcional; e da argumentação mediada por uma interlocução sólida, no caso da carta.

Essas instruções, devidamente destacadas logo abaixo do enunciado do recorte temático, serão cobradas na correção.

3.1 Proposta A: Dissertação

Em função do recorte temático da Proposta A, espera-se que o candidato discuta em sua dissertação o uso de animais em experimentações científicas, levando em consideração o debate existente sobre a questão. Não se trata, portanto, de dissertar sobre o uso de animais em outros contextos como rodeios, circos, farras do boi, rinhas de galo, etc., ainda que tais usos possam contribuir para a argumentação.

Espera-se que o candidato reconheça a existência de diferentes posições envolvidas nesse debate entre cientistas, políticos, juristas, militantes de ONGs. Nesse sentido, a coletânea apresenta diversos aspectos relativos ao uso de animais em experimentação e fornece algumas perspectivas de abordagem da questão manifestas: (a) na legislação vigente no Brasil; (b) nos diferentes argumentos da comunidade científica, que justifica a necessidade e a validade desse uso ou considera um mito essa necessidade incondicional; (c) nas reivindicações da sociedade civil organizada, que considera o uso de animais em experimentações um equívoco; e (d) nas reflexões teóricas sobre as diferenças culturais no que se refere à relação com as várias espécies animais.

O candidato deverá definir, claramente, o seu ponto de vista, lançando mão de pelo menos duas posições controversas envolvidas na questão.

3.2 Proposta B: Narrativa

Em função do recorte temático da Proposta B, espera-se que o candidato elabore sua narrativa evidenciando que a personagem é realmente um militante e descrevendo um ou mais conflitos gerados pela decisão da personagem de mudar seus hábitos em função da militância.

Para tanto, o candidato encontra na coletânea menção a diferentes formas culturais e históricas de se relacionar com os animais. As mudanças de hábito podem compreender alterações na alimentação, no consumo em geral (roupa, sapatos, etc.) e nas formas de entretenimento (rodeio, vaquejada, rinha de galo, tourada, circo, etc.). Podem implicar ainda novas formas de tratamento dispensado aos animais (no âmbito doméstico ou não) e o abandono da exploração comercial predatória.

É importante que o candidato atente para o fato de que a decisão de mudar de hábitos deve, necessariamente, trazer conflitos para a personagem, de ordem pessoal ou social (familiar, profissional, afetiva, etc.).

Espera-se que o candidato, além de optar por um dos focos narrativos e mantê-lo adequadamente, saiba demonstrar a relevância de sua escolha.

3.3 Proposta C: Carta Argumentativa

Em função do recorte temático da Proposta C, espera-se que o candidato explicita, na carta, seu ponto de vista sobre o uso de animais em experimentações científicas e solicite que tal ponto de vista prevaleça na atuação do CONCEA.

Para tanto, a coletânea apresenta subsídios que permitem ao candidato elaborar sua solicitação, podendo, dentre outras possibilidades, solicitar que o CONCEA, em sua atuação, assegure: agilidade na aprovação dos protocolos dos Comitês de Ética das instituições de pesquisa; incentivo à descoberta e à adoção de técnicas alternativas ao uso de animais na educação e em experimentação científica; rigor na fiscalização do uso dos animais em experimentação; contestação da prática de vivissecção para fins pedagógicos, etc.

Espera-se também que o candidato sustente seu ponto de vista considerando os argumentos quer da comunidade científica, quer dos segmentos da sociedade civil organizada. Para tanto o candidato poderá: (a) explorar os argumentos dos cientistas favoráveis ao uso de animais em experimentação; (b) explorar os argumentos dos que defendem a proibição do uso de animais em experimentações; (c) discutir o alcance da nova legislação, ponderando se ela atende ou não às reivindicações dos diversos segmentos.

O candidato deve endereçar sua carta a um membro do CONCEA que possa efetivamente defender sua posição, uma vez convencido da consistência do pleito.

4. COMENTÁRIOS SOBRE ALGUMAS REDAÇÕES

4.1 Proposta A

Exemplos de Redações Acima da Média

Exemplo 1

Tão antiga quanto a relação homem-homem é a relação entre homens e animais. Envolveu, ao longo da história, vários aspectos: desde o antagonismo caça/predador até uma afetividade exagerada em relação aos bichinhos criados em casa. O ponto mais polêmico dessa relação, contudo, surgiu recentemente, com o uso de animais em experimentações científicas.

Tão antiga quanto a relação homem-homem é a relação entre homens e animais. Envolveu, ao longo da história, vários aspectos: desde o antagonismo caça/predador até uma afetividade exagerada em relação aos bichinhos criados em casa. O ponto mais polêmico dessa relação, contudo, surgiu recentemente, com o uso de animais em experimentações científicas.

A questão suscita importantes questionamentos sobre a conduta humana em relação às outras formas de vida. É bem verdade que existem fundamentos jurídicos para a proteção dos animais, como o artigo 225 da Constituição, no qual se baseia a Lei de Crimes Ambientais, que criminaliza abusos, maus-tratos e mutilações feitos contra animais, mas é também sabido que, como em tantos outros casos, as normas não são devidamente observadas.

Nesse cenário, vários grupos se organizam a fim de reivindicar os direitos dos animais. Argumentam em favor da igualdade do direito à vida, independentemente da espécie a que o organismo pertença. Sob este ponto de vista, o uso de animais em experimentos científicos é um sacrilégio. Contra ele, esses grupos se mobilizam e conseguiram, inclusive, a aprovação de uma lei que proibia a prática na cidade do Rio de Janeiro.

Do outro lado, contudo, estavam os cientistas, que recorreram aos deputados federais para forçar a aprovação da lei que regulamentaria o uso científico de animais.

Em toda a polêmica, interessa observar que a posição do homem tem sido, sempre, a de hierarquizar a vida, colocando a si mesmo no topo e subordinando toda a natureza aos seus interesses. A denúncia dessa postura pelas organizações de proteção animal é bem justa. O que lhes escapa, contudo, é que adotam linha similar: defendem baleias, focas e golfinhos, mas não se preocupam com mexilhões ou planárias, por não se identificarem com eles. Sinal claro de que, nem para os defensores dos animais, todos os seres têm o mesmo valor.

É importante, evidentemente, reconhecer o direito à vida de outros animais e respeitá-los, não lhes infligindo sofrimento desnecessário. A questão das cobaias, entretanto, exige análise mais profunda. Vetando seu uso, a produção de vacinas seria prejudicada e muitas das pesquisas, a exemplo dos estudos com células-tronco e sobre terapias contra o câncer, seriam paralisadas. É sensato abandonar projetos que abririam tantas perspectivas para a cura e a prevenção de doenças?

Nesse impasse, a solução momentânea foi dada pelo Senado, com a aprovação da Lei Arouca. Ela cria o Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal, responsável por credenciar instituições para criação e utilização de animais destinados a fins científicos, por estabelecer normas para seu uso e cuidado e por inspecionar a introdução de técnicas alternativas, que dispensem a aplicação das cobaias animais.

A medida é o ponto de equilíbrio entre as duas posições antagônicas. Bastante razoável, restringe o uso de cobaias animais às situações de interesse e necessidade e estimula a adoção de novos mecanismos, sem impô-los de maneira abrupta, o que causaria vários transtornos à atividade científica.

Parece que, dessa forma, resgatou-se a valorização da Baleia, de Graciliano Ramos, sem deixar para trás o menino maior e o menino menor, mercedores, também, de uma vida melhor, que pode ser propiciada pelos avanços da ciência.

O texto apresenta um modo muito interessante de introduzir a complexidade envolvida nas controvérsias sobre o uso de animais em experimentações científicas: aborda primeiramente a questão de um ponto de vista histórico, demonstrando de maneira eficaz que a relação entre o homem e o animal existe desde sempre e pode ser sintetizada emblematicamente, de um lado, pela atitude predatória e, de outro, por um amor excessivo aos animais domésticos (retomando de certo modo o excerto cinco (5) da coletânea). A partir desses pontos de vista antagônicos, o texto consegue identificar de modo pertinente e desenvolvido as controvérsias que envolvem essa reflexão, justamente por estarem intrinsecamente relacionadas ao maior ou menor grau de reconhecimento do homem diante dos animais que são alvo de ações de diferentes naturezas. Ou seja, o autor trabalha muito apropriadamente com o sentido de antropocentrismo do excerto cinco (5), que será o núcleo de sustentação do texto. A dissertação trabalha de forma madura a dificuldade de estabelecer-se um limite entre o bom uso e o mau uso dos animais pelo homem, levando sempre em consideração que essa é uma decisão histórica e política. Nesse sentido, o texto traz como fecho argumentativo a criação do CONCEA que, sem pretensão de resolver definitivamente o problema, coloca-se como um razoável fórum de decisão, análise e reflexão dos inúmeros pontos a serem levados em conta na regularização e normatização do uso de animais em experimentação.

Como se pode observar, o movimento do texto pelos diferentes excertos da coletânea demonstra uma leitura atenta e cuidadosa, que explora a complexidade da questão sem respostas gratuitas e superficiais. Há, portanto, um claro projeto de texto produzindo unidade na dissertação de modo a trabalhar consistentemente tanto o recorte temático quanto a coletânea. O autor demonstra domínio do tema, revelado pelo aprofundamento no trabalho com o recorte temático e pela excelente articulação dos argumentos explorados com elementos extraídos da coletânea. O dinamismo do texto também se deve à modalidade escrita e à coesão textual, que garantem uma leitura fluida.

Exemplo 2

ANIMAIS NA CIÊNCIA: AVANÇOS E CONTROVÉRSIAS.

O USO DE ANIMAIS EM EXPERIMENTAÇÃO CIENTÍFICA TEM SIDO DE GRANDE ~~UTILIDADE~~ UTILIDADE NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HUMANO EM ÁREAS TÃO DISTINTAS QUE VÃO DESDE O ESTUDO DA ELETRICIDADE (QUANDO O ITALIANO ALESSANDRO VOLTA CONDUZIU SEUS EXPERIMENTOS SOBRE ESTE TEMA UTILIZANDO RÃS) ATÉ OS ÓBVIOS AVANÇOS ^{EM} (NA) MEDICINA E OUTRAS ÁREAS DA SAÚDE.

Animais na ciência: avanços e controvérsias.

O uso de animais em experimentação científica tem sido de grande utilidade na construção do conhecimento humano em áreas tão distintas que vão desde o estudo da eletricidade (quando o italiano Alessandro Volta conduziu seus experimentos sobre este tema utilizando rãs) até os óbvios avanços em medicina e outras áreas da saúde. Há, contudo, grande resistência ao uso de animais em pesquisas científicas, oriunda de movimentos organizados em defesa dos animais e de políticos ligados a estes movimentos. Entretanto grande parte destes ativistas baseia-se em percepções confusas, chegando a comparar o uso de animais em pesquisas científicas com o abuso sofrido por estes em rinhas, circos e vaquejadas. Há ainda quem diga, talvez por ignorância, que vacinas e fármacos novos não foram os principais responsáveis pelo declínio de doenças infecciosas, e há aqueles que, ingenuamente, defendem ferrenhamente determinadas espécies animais baseando-se em um conceito antropocentrista, admitindo ao mesmo tempo que outras espécies sejam maltratadas ou até exterminadas.

O primeiro equívoco a ser desfeito diz respeito à comparação estabelecida entre experimentos que utilizam animais, e os abusos praticados em rinhas, circos e vaquejadas. Nos experimentos sacrificam-se animais no intuito de descobrir novas soluções para lidar com enfermidades que afligem a humanidade. No caso de rinhas, circos, vaquejadas e afins, os animais são utilizados para "entreter" os espectadores em demonstrações de crueldade e sadismo sem nenhuma utilidade potencial que se justifique. É interessante perceber esta contradição no projeto de lei do vereador da cidade do Rio de Janeiro, Cláudio Cavalcanti, que proíbe o uso de animais em experimentos científicos. A lei ameaça a produção de vacinas (distribuídas nacionalmente) pela Fiocruz, que utiliza camundongos para testá-las, como se estes testes fossem tão inúteis ou imorais como o sacrifício de animais em rinhas ou em rituais de umbanda.

Também outros argumentos infundados tem sido utilizados por ativistas contrários ao uso de animais em experimentos científicos, ao alegar que o produto final destas pesquisas, as novas vacinas e novos medicamentos, não são responsáveis pelo declínio de doenças infecciosas e, portanto, da mortalidade infantil. Para estes ativistas melhorias em questões como saneamento, higiene e alimentação seriam os fatores responsáveis para o decréscimo da mortalidade infantil. Embora seja verdade que saneamento, higiene e alimentação sejam importantes para a saúde geral de um indivíduo, a realidade é que os habitantes das favelas brasileiras não dispõem de serviços adequados em nenhum destes três quesitos e, ainda assim, a poliomielite é uma doença praticamente erradicada do território brasileiro, e graças a que? Graças a uma vacina. Mortes de crianças por difteria, tétano, sarampo, caxumba, rubéola e meningite são cada vez menos frequentes, graças às vacinas. Não apenas as crianças mas também soropositivos e idosos são beneficiados por coquetéis e vacinas anti-gripais, que os protegem contra doenças oportunistas. É possível, entretanto, que argumentos tão infundados sejam proferidos não por ignorância, mas por doutrinação ou radicalismos.

Porém, o mais ingênuo dos argumentos em "defesa" dos animais talvez seja aquele que, baseado em uma ótica antropocentrista, pretende defender seres vivos que se assemelhariam mais aos humanos segundo determinados critérios, contudo não dispensam compaixão a outros seres vivos como, apenas como exemplo, outros animais, vegetais, parasitas multi e unicelulares, protozoários e bactérias. Uma vez que são todos seres vivos, qualquer critério antropocentrista seria arbitrário e enviesado.

Concluindo, os avanços decorrentes do uso de animais na ciência são inquestionáveis, e órgãos regulamentadores como o recém criado Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA) devem atuar no sentido de permitir experimentos científicos que utilizem animais com o intuito de alcançar inovações e melhorias importantes para a vida em geral.

Esse texto trabalha de forma bastante incisiva aspectos controversos envolvidos no debate sobre o uso de animais em experimentação, pontuando cada um dos argumentos gerais expostos na coletânea que poderiam ser mobilizados para uma argumentação favorável à proibição do uso de animais, justamente para torná-los inócuos. Partindo da constatação histórica de que o uso dos animais em experimentação é importante para um largo espectro de aplicações (em que se inclui um interessante exemplo, pouco citado, do mundo da física), o autor dessa dissertação propõe rebater dois argumentos, que sintetizam posições contrárias ao uso dos animais: a comparação do uso do animal na ciência ao uso de entretenimento ou sem fins práticos e utilitários e a negação de que o uso dos animais em experimentação teria sido um dos principais fatores de avanço na cura de doenças e diminuição da mortalidade humana. Para tanto, mobiliza sua experiência como leitor, utilizando os elementos da coletânea que vão auxiliá-lo em sua argumentação.

O autor demonstra domínio do tema, revelado pelo aprofundamento no trabalho com o recorte temático, sem banalizações, de modo coerente com o propósito do texto, e pela excelente articulação com elementos da coletânea. Assim, apresenta-se de modo consistente um projeto de texto coeso, que confere unidade na leitura e evidencia, como já foi dito, um bom trabalho com o recorte temático e uma clara articulação com a coletânea, bem aproveitada. O dinamismo da dissertação também se deve à modalidade escrita e à coesão textual, que garantem uma leitura fluida.

Exemplo de Redação Abaixo da Média

A importância dos animais para a ciência.

Infelizmente os animais ainda serão alvos de experimentos científico por muito tempo. O homem é muito egoísta para se deixar fazer experiências no seu corpo. Por isso que animais como camundongos são usados, não porque são os menos importantes, mas são eles os que mais se parecem com o corpo humano em termos de quantidade e volume do animal.

A importância dos animais para a ciência.

Infelizmente os animais ainda serão alvos de experimentos científico por muito tempo. O homem é muito egoísta para se deixar fazer experiências no seu corpo. Por isso que animais como camundongos são usados, não porque são os menos importantes, mas são eles os que mais se parecem com o corpo humano em termos de quantidade e volume do animal.

Não é certo usar um ser vivo para essa finalidade mas se ele morrer, a verdade é que poucos vão se importar. Agora imagine se no lugar de ratos, usarmos humanos, trezentos deles, e todos morrerem, o impacto na sociedade será bem maior porque a maioria deles tem uma família, e quantas pessoas não sofreriam com a morte de um familiar?

Pode-se dizer que foi para o bem da humanidade mas com a perda de um parente, os familiares não vão pensar nisso, vão colocar a culpa no laboratório e isso pode resultar em processos, multas e um eventual fechamento de muitos centros de pesquisas o que traria uma grande diminuição no número de experimentos.

É difícil de se aceitar essa idéia, que animais morrem para que possamos viver, mas é assim que a coisa funciona. Se não fossem por eles, muitas pesquisas iriam ser canceladas, conseqüentemente a cura para doenças não seriam encontradas e muitas pessoas morreriam.

Nessa dissertação, encontramos um exemplo claro de mal aproveitamento da coletânea, de um trabalho fraco com o recorte temático proposto e de ausência de um consistente projeto de texto sustentando o encadeamento dos argumentos. O candidato desconsiderou a necessidade de discutir o uso de animais em experimentações científicas levando em consideração o debate existente sobre a questão. Ao contrário,

apresenta o tema de maneira superficial e banal sem nenhum domínio sobre a discussão, deixando de fazer entrever, minimamente, a existência de diferentes posições envolvidas nesse debate entre cientistas, políticos, juristas, militantes de ONGs. Restringe-se a uma oposição ingênua entre usar animais ou usar o próprio ser humano nas experiências. No texto praticamente inexistente um trabalho com a coletânea, havendo tão somente uma alusão ao término de pesquisas e conseqüentemente de curas a doenças com a não utilização dos animais em experimentação, indicando um trabalho fraco com o excerto dois (2).

A modalidade escrita apresenta alguns tropeços em relação à norma culta, além de ser pouco adequada e fraca para um texto dissertativo. O uso de uma modalidade oralizada com poucos recursos sintático-semânticos para garantir a estruturação do texto produz uma fragilidade na fluidez da leitura da redação.

Nesse texto os principais problemas referem-se à banalização do recorte temático e à superficial leitura da coletânea, o que faz com que o frágil projeto de texto passe tangencialmente pela discussão das controvérsias envolvidas no uso de animais em experimentação. Em suma, trata-se de um texto fraco do ponto de vista do recorte temático, da leitura da coletânea e do tipo de texto dissertativo.

Exemplo de Redação Anulada

Aonde os animais devem estar?

Analisando a história da colonização brasileira observamos que os animais sempre tiveram uma participação na sociedade, seja como transporte, companhia ou mesmo diversão. Por estar ao longo dos séculos torna-se difícil retirar tal cultura e mentalidade de uma porção do povo brasileiro, mas quando ocorre algo próximo dele é o primeiro a se mobilizar contra as crueldades realizadas com animais.

Aonde os animais devem estar?

Analisando a história da colonização brasileira observamos que os animais sempre tiveram uma participação na sociedade, seja como transporte, companhia ou mesmo diversão. Por estar ao longo dos séculos torna-se difícil retirar tal cultura e mentalidade de uma porção do povo brasileiro, mas quando ocorre algo próximo dele é o primeiro a se mobilizar contra as crueldades realizadas com animais.

Desde a colonização os animais estiveram ao lado da população, sendo utilizado como tração em transporte inicialmente da cana-de-açúcar e depois da mineração para o litoral do país, ao mesmo tempo serviu para a diversão como em touradas ou em rinhas de galos, o que é mais comum no Brasil.

Pelo fato dessa cultura existir à séculos ainda vemos em casas escondidas rinhas de galos ou de cachorros, este que é mais freqüente nos dias atuais. Onde cachorros são criados para este fim e seus donos acabam lucrando com as apostas.

A maioria do povo brasileiro fecha os olhos para tal acontecimento e apenas se mobiliza quando sai no jornal as crueldades feitas nos animais. Observamos isso com os animais de circo, quando uma mãe leva seu filho ao espetáculo não percebe os maus tratos que os pobres animais sofrem para realizar a atração.

É necessário mobilizar a sociedade contra essa atitudes malignas contra os animais, eles não são objetos que podemos fazer qualquer coisa, são animais e têm sentimentos de dor e alegria como os seres humanos.

A dissertação acima mostra claramente que o candidato deixou de cumprir as instruções da Proposta A, o que motivou a anulação de sua redação.

Em vez de discutir o uso de animais em experimentação científica, conforme pedia a primeira instrução da proposta escolhida, o candidato desviou-se completamente da situação específica requerida, optando por abordar as crueldades cometidas pela sociedade brasileira no trato com os animais em circunstâncias outras que não a dos experimentos científicos. Iniciou a redação remetendo ao uso tradicional de animais no transporte de carga e pessoas, para em seguida tratar de sua presença em atividades culturais, de divertimento popular, das quais destacou as touradas e as rinhas de galos e cães. Na tentativa de caracterizar uma mentalidade que considera permissiva por parte da sociedade brasileira, em relação a crueldades e maus tratos cometidos contra os animais, o candidato direcionou seu texto no sentido de afirmar a necessidade de uma mobilização em defesa da causa animal.

Cabe notar que, além de não ter cumprido a primeira instrução da Proposta A, o candidato desconsiderou também, conseqüentemente, a segunda instrução, de acordo com a qual deveria desenvolver seus argumentos a partir da controvérsia existente em torno do uso de animais em experimentos científicos. Nesta redação não há evidências de dois pontos de vista divergentes sobre a questão, o que seria necessário para configurar uma controvérsia. Pelo contrário, há apenas a defesa do ponto de vista adotado pelo candidato, que se mostra sensível à causa animal, mas que ignora completamente a questão da experimentação científica. Desse modo, a sua redação não cumpriu as duas instruções iniciais do recorte temático e foi anulada.

4.2 Proposta B

Exemplos de Redações Acima da Média

Exemplo 1

Olhava para a mesa do professor com os olhos atônitos, aterrorizados, mãos suadas e lábios trêmulos. Havia se negado a participar da aula, mas o professor lhe advertira que esta escolha traria como resultado a sua reprovação. Procurava no rosto dos colegas de sala um olhar com o qual pudesse compartilhar os sentimentos daquele instante: apenas rostos atentos, vívidos, com olhos brilhantes sobre a rã, que estava presa pelas patas dianteiras no suporte de metal tendo sua medula lesada pouco a pouco pelos cortes com o canivete do professor.

Olhava para a mesa do professor com os olhos atônitos, aterrorizados, mãos suadas e lábios trêmulos. Havia se negado a participar da aula, mas o professor lhe advertira que esta escolha traria como resultado a sua reprovação. Procurava no rosto dos colegas de sala um olhar com o qual pudesse compartilhar os sentimentos daquele instante: apenas rostos atentos, vívidos, com olhos brilhantes sobre a rã, que estava presa pelas patas dianteiras no suporte de metal, tendo sua medula lesada pouco a pouco pelos cortes com o canivete do professor.

Há alguns meses, quando escolhera o curso de Biologia, dispunha de um arsenal de argumentos e dados científicos para a prática de experiências com animais. "Imaturas conclusões". O pai, pesquisador da indústria farmacêutica, estimulava sua escolha universitária e apoiava o uso de animais no ensino e pesquisa científica, partindo do argumento no qual o homem era altamente beneficiado por estas experiências, e os dados de saúde pública confirmavam.

Mas agora, sentado na última cadeira da sala de laboratório, este argumento já não lhe soava tão convincente. Paredes, portas, bancadas, cadeiras e chãos brancos contrastavam com a escura experiência ali vivenciada. A rã recebia constantes aplicações de choque para mostrar aos alunos, em êxtasi, quais partes de seu corpo já não se movimentavam mais. Sentado na última carteira, ele sentia cada parte de seu corpo e o sentimento de culpa e incapacidade diante daquela cena crescerem a cada nova lesão.

Ele tinha esperanças, até o momento de entrarem no laboratório, de que o professor se convenceria de seus argumentos e aceitaria outras propostas para o estudo do Sistema Nervoso Central. O docente o julgava apenas mais um arroaceiro, chamava-o "filho da SBPC", de utópico.

Esta frase, dita pelo professor com muito desdém, o fez lembrar deste importante marco em sua vida. No início daquele ano letivo, havia sido convidado a participar de um importante evento: Reunião Anual da SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Julgara que este seria apenas mais um evento, mais um congresso. Ao chegar, encontrara muitas pessoas, estudantes, professores, cientistas, pesquisadores, mas também grupos artísticos e representantes de movimentos sociais. Em meio ao caos de pessoas, imagens e sons, uma faixa se destacara dentre as demais: “Os experimentos em animais atrasam o progresso da ciência”. Naquele instante, seu corpo sentiu uma forte onda de pavor e as inúmeras conversas que tivera com o pai pareciam confusas em sua mente. Localizara os responsáveis pela faixa, e ouvia avidamente as informações que os militantes da ONG Vegan Staff traziam sobre experiência com animais, crueldades e projetos que propunham o fim destas práticas tanto para o ensino quanto para a pesquisa acadêmica. Ainda tomado pelos fortes sentimentos contraditórios que vivenciara, resolvera participar da ONG e procurar conhecer seus meios de atuação.

“Os fins justificam os meios?”. Olhando para a rã, ele sentia dentro de si que não. Fora por isso que, após a reunião da SBPC ele se empenhara em conhecer os principais debates, leis e projetos que envolviam crimes ambientais. Com o auxílio de demais militantes da ONG a que se filiara, passou a propor mesas de debate e fóruns de discussão entre os alunos de sua universidade. Convidava outras ONG e movimentos sociais que apoiavam a causa a favor dos animais e que podiam apresentar dados de crueldade e falta de ética em diferentes setores da sociedade.

Contudo, seu maior desafio fora desenvolver diálogo com os docentes da instituição. “Nada está dado. Tudo pode se transformar”. Era assim que ele pensava ao propor o fim do uso de animais em práticas de ensino, porém era constantemente avacalhado pelos professores. Um a um, se propunha a discutir as aulas práticas em laboratório e pensar em novos métodos que não prejudicassem a qualidade do ensino: modelos plásticos fictícios, vídeo-aulas já gravadas, atlas anatômicos melhor elaborados.

Aquele ambiente acéptico, altamente iluminado e climatizado só atribuíam maior terror as suas lembranças. “Tantas discussões, tantas propostas. Quando isso irá mudar?”. A rã já quase não se debatia mais, e os colegas de classe a sua volta anotavam detalhadamente esta morte em suas folhas de relatório. Seu corpo todo suave e ele esperava ansiosamente pelo fim tanto da angústia da rã quanto destas práticas cruéis.

Suas profundas esperanças estavam, hoje, na aprovação presidencial da Lei Arouca, que poria fim à morte aleatória de tantos animais. Pensando nisso, não percebeu o último movimento da rã, que se fosse racional talvez partilhasse de seus sonhos.

De acordo com o recorte temático da Proposta B, a redação aborda, numa narração em terceira pessoa, os conflitos vividos pela personagem principal, que muda seus hábitos para ser coerente com sua militância em defesa dos animais. No caso, o protagonista da história é um estudante de Biologia, que no início de sua formação universitária trava contato, num protesto organizado durante um encontro anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), com a organização não-governamental (ONG) Vegan Staff e com sua pauta de reivindicações. Busca maiores informações por outros meios e, após a adesão à causa, trata de direcionar suas reivindicações para o espaço acadêmico, militando contra a vivissecção de animais no ensino e na pesquisa.

De modo bem elaborado, a narrativa começa já num ponto adiantado da história, em que o conflito decorrente da militância já se instaurou, inclusive com o corpo docente da faculdade. O protagonista assiste, horrorizado, à vivissecção de uma rã pelo professor, que ameaça reprová-lo por se negar a participar da aula.

A partir dessa cena transcorrida no presente, o protagonista retrocede ao passado, pela memória, narrando ao leitor como se deram os contatos com os militantes e os ideais da ONG Vegan Staff; os conflitos com seu pai, pesquisador da indústria farmacêutica, que defendia a necessidade de experimentação animal para ensino e pesquisa; a militância na universidade e o confronto com os professores. Retorna, por fim, ao presente, assistindo à agonia final da rã depois de uma série de incisões e choques praticados pelo professor para demonstrar o funcionamento do sistema nervoso central.

O autor da redação demonstra domínio da técnica narrativa, visível não só no modo como trabalha com o tempo, partindo do presente para retroceder ao passado e retornar ao presente no momento que antecede ao desfecho. Esse domínio se revela ainda na maneira como descreve, por exemplo, o espaço onde se desenrola a ação (ênfatizando dramaticamente a brancura asséptica do laboratório), bem como o contraste entre as reações do protagonista e as atitudes dos demais alunos diante da experimentação.

A voz narrativa, além de bem definida, introduz e articula com propriedade todos os elementos descritivos apresentados em uma direção narrativa clara, demonstrando, assim, o domínio do jogo narrativo.

A redação apresenta alguns problemas pontuais em relação à norma culta, como ortografia, que, contudo, não prejudicam a fluidez da leitura, pois os elementos coesivos do texto são utilizados de forma adequada.

Destaque-se, por fim, a boa utilização da coletânea, em especial do excerto seis (6), que estrutura a narração. Eles foram naturalmente incorporados, sem que parecessem enxertos dissertativos forçados em meio à narração.

Exemplo 2

Pássaros cantaram, aflitos e constrangidos, conforme Ângela inseriu seu bisturi na direção do coração do rato anestesiado, deitado indefeso sobre a mesa de experimental. A menina sentia-se cansada e triste, o coração acelerado diante da imobilidade mórbida de sua pequena vítima.

Pássaros cantaram, aflitos e constrangidos, conforme Ângela inseriu seu bisturi na direção do coração do rato anestesiado, deitado indefeso sobre a mesa experimental. A menina sentia-se cansada e triste, o coração acelerado diante da imobilidade mórbida de sua pequena vítima.

Cantos e assovios ecoam em uma praça tranqüila e arborizada. Ângela caminha, indecisa e cabisbaixa, milhões de pensamentos e contradições a atordoá-la. Observa um gato, de olhos vivos e quase risonhos, a espreitá-la. Aves voam perto dela e cachorros, amigáveis, dormem embaixo de um banco. Um deles sonha e remexe-se.

De repente, uma pequena mão, quase humana, segurou a ponta da pinça. Ângela assustou-se com o remexer do pequeno rato e percebeu que o algodão com éter que o mantinha anestesiado havia caído de sua boca. O animal debatia-se, peito aberto, agonia visível em seus pequenos olhinhos. A garota desesperou-se, colocando-se a chorar.

Lágrimas escorrem do rosto claro da jovem estudante de biologia. Olha para seu entorno e entristece-se mais. O verde, seu companheiro de alegrias e aventuras, agora parece agoniar-se com ela; borboletas parecem voar em câmera lenta, indecisas e suspensas; o vento parece sussurrar-lhe conforto e repreensões, conforme seus olhos umedecem-se e transpiram, como as árvores. Senta-se em um banco, abraçando os joelhos.

Sentou-se, arrepiada e horrorizada, mas decidida. Não mais participaria daquelas aulas. Nunca mais veria tais olhinhos, quase humanos, a condená-la. Nunca mais. Já abolira antes de sua vida carne e materiais de couro por não admitir o sofrimento animal e deixara de usar cosméticos de empresas que os testavam em animais pelo mesmo motivo. Como poderia tolerar aquilo? Sofrimento por ela infringido? Nunca. Jamais.

Olha por cima dos olhos o hospital em frente à praça. Sentia-se hipócrita e constrangida. Sua mãe lá estava, sendo cuidada, utilizando medicamentos testados e desenvolvidos com uso de animais. Sabia serem esses experimentos essenciais ao desenvolvimento das ciências ligadas à saúde. Eram necessários sim, ao contrário do que muitos defensores dos animais afirmavam. Sabia não ser um mito a necessidade do uso de animais para que a saúde humana melhorasse. Mas a que custo? Salvar-nos com o sofrimento de tantos?

Levanta-se e caminha. Observa pequenas abelhas a construir seu cacho no alto de uma árvore e inveja-as, em sua doce ignorância de abelhas. O que fazer? Olha para o papel apertado entre os dedos, que trazia consigo. Queria jubilar-lhe por recusar-se a participar das aulas de fisiologia. Expulsa-la-iam, caso não voltasse a freqüentar as aulas. Suspirou. Sentia-se tola e conflituosa.

Lembra-se da mãe, de repente. Antibióticos. Peixes! Quantos peixes já comera desde que abolira de sua vida carne de mamíferos e aves? Quantos vermes já assassinara ao longo de sua vida, ao tomar vermífugos anuais? Porque não se apiedava desses outros seres vivos, mas sim do rato, cuja recusa em matá-lo custaria-lhe a conclusão do curso? Tolice. Tolice? Árvores a observavam em suas cúpulas inocentes e esverdeadas, quase a divertir-se com seu sofrimento toscamente humano.

Suspira, desejando-se aluna no Rio de Janeiro, onde a experimentação animal fora proibida. Chacoalha a cabeça, afastando tais idéias. Sua mãe estaria morta, não fossem antibióticos desenvolvidos com uso de animais. Certamente preferia a mãe a ratos, como os preferia a peixes. "Hipócrita", sussurrou-lhe uma vespa, passando próxima a seu ouvido. Hipócrita. Humanamente hipócrita.

Quis correr, fugir dali. Desejou-se uma gazela, a correr livre pela selva africana, ou um cachorro, a suspirar sob um banco de praça. Desejou-se outra, em outro mundo. Desejou-se árvore, minhoca, grama. Desejou um cérebro que não pensasse como ela. Desejou poder escolher tudo, ter tudo, perder nada.

Pára diante de um gato a divertir-se com uma borboleta. O que fazer? Denunciar a professora ao CONCEA? Exigir dela que usassem modelos ao invés de ratos vivos? Suspira. Sabia ser difícil a substituição. Sabia ser muito mais ilustrativo o aprendizado com animais. Olha para as árvores a recriminá-la. Deseja que o verde volte-lhe a sorrir. Deseja voltar a ouvir o canto dos pássaros como canto, não lamúrias. Deseja amar sem culpa, mas formar-se também. Deseja ser bicho, livre de pensamentos. Deseja-se Caeiro, a sentir sem pensar.

Deseja. Mas percebe, súbita e tristemente, ser apenas humana, incapaz de conciliar todas as vontades e ideais de seu mundo interno. Apenas humana e muito humana. Egoísta e sentimentalmente humana.

Observa novamente o papel, com o timbre da universidade. Era ela ou eles. A mãe ou eles. Seu futuro ou eles. Suspira, entregando-se à doce decisão de sua humanidade, vitoriosa. Voltaria à faculdade. Anestesiaria os ratos. Usaria antibióticos e deixaria que salvassem a vida de sua mãe. Era humana, só humana.

As árvores remexeram-se com o farfalhar do vento. Gatos, antes amistosos, pareciam recriminá-la. O verde condenava-a, choroso e desesperançado. Seu peito, aberto e dolorido, como o do pobre rato, fora vencido. Era humana. Contraditória e hipócrita. Humana. Branca, vermelha, chorosa, indecisa. Humana. Olhinhos de rato, lágrimas de árvore, cabeça humana. Assim era. Assim haveria de ser.

Pássaros cantaram, aflitos e constrangidos.

Conforme a Proposta B solicitava, a redação aborda os conflitos vividos pela personagem principal, que muda seus hábitos para ser coerente com sua militância em defesa dos animais. Em termos de foco narrativo, o candidato optou pela terceira pessoa. Ângela, a protagonista da história, é uma estudante de Biologia, que, já na abertura da narrativa, vive de forma dramática o conflito com a vivisseção animal para fins de ensino e pesquisa.

Como saberemos no desenrolar da história, a personagem já havia abolido a carne e os objetos feitos de couro para ser coerente com seus ideais. Agora, o conflito decorre da recusa em praticar os experimentos com animais vivos (como o rato que ela é obrigada a operar nas aulas de fisiologia) e o risco de ser jubilada por não cumprir tais exigências acadêmicas.

Para conferir maior impacto à narrativa, o autor da redação contrapõe o conflito vivido por Ângela, entre seus ideais e as imposições acadêmicas, com o outro drama vivido pela protagonista, cuja mãe se encontra internada por causa de um câncer e depende da descoberta de um medicamento para a cura de sua doença. Percebe-se que a intensificação do conflito de Ângela decorre da dependência existente entre o tipo de experimentação com animais em laboratório que a protagonista condena e a possibilidade da descoberta do medicamento que poderia trazer a cura para a doença fatal de sua mãe.

Como estratégia narrativa digna de nota, vale destacar a evocação constante de diversas espécies animais (pássaros, cães, peixes, etc.) vivas e livres para contrastar com as cobaias sacrificadas em mesas de laboratórios, visando ao ensino ou à pesquisa. Por vezes, o autor parece abusar desse recurso de evocação ou comparação, o que entretanto não o invalida, nem compromete a força dramática que dele se extrai.

No mais, a voz narrativa, além de bem definida, introduz e articula com propriedade todos os elementos descritivos apresentados em uma direção narrativa clara, demonstrando, assim, o domínio do jogo narrativo.

A redação apresenta raros problemas de norma, que, contudo, não prejudicam a leitura. Os elementos coesivos do texto são utilizados de forma adequada na estruturação sintático-semântica da narração.

Destaque-se, por fim, a boa utilização dos excertos da coletânea, com especial destaque para o dois (2) e o quatro (4). Eles foram naturalmente incorporados, sem que parecessem enxertos dissertativos forçados em meio à narração.

Exemplo de Redação Abaixo da Média

Bolha Wasp

Sabão é feito de gordura. Isso é fato. Eu sei, porque dediquei uma parcela da minha vida à isso. Não, eu não sou gordo. O fato é, que eu trabalhava na carrocinha e, lá a lógica era simples: cachorro sem dono vira sabão.

Bolha Wasp

Sabão é feito de gordura. Isso é fato. Eu sei, porque dediquei uma parcela da minha vida à isso. Não, eu não sou gordo. O fato é, que eu trabalhava na carrocinha e, lá a lógica era simples: cachorro sem dono vira sabão.

Eu tinha coração. Eu me entristecia ao ver mulheres espancadas pelo marido, crianças agredidas pelos pais e os idosos ignorados, mas, para mim, cachorro era pelúcia. Eu entendia a vida assim. Afinal eu precisava tomar banho.

Meu trabalho começava antes do nascer e terminava depois do pôr-do-sol. Demorava, mas era fácil. Eu tinha, apenas, que colocar os animais na máquina. A minha vida teria continuado seguindo este rumo se o Wasp não tivesse aparecido.

Eu estava voltando para casa, ele rosnou. Minha mulher apareceu saindo com as malas, ele rosnou novamente (e eu chorei). Sentei na sargeta, ele se aconchegou do meu lado. Então eu o percebi pelo som de seu rabo vibrante. Como ele era sarnento. Tentei ignorá-lo, mas o bichinho era bom demais. Ele sabia o que eu estava sentindo. Eu juro que sabia. O chamei de Wasp.

Como em casa de pobre sempre cabe mais um e como a gorda maldita tinha me abandonado, eu o adotei. No começo, ele queria me acompanhar para todo lugar, mas logo expliquei para ele que lá não era um dos melhores lugar para ele estar. A isso Wasp compreendeu facilmente, o que ele não compreendia era como eu podia fazer uma coisa dessas

Wasp fazia xixi e coco pela sala, babava na minha cama e latia durante o meu sono, mas eu gostava dele. Ele era humano. Seu único problema era querer liberdade demais. Virou sabão. A dor foi a pior que eu já senti. Fiquei triste, me senti culpado. Eu ensinei à ele várias coisas, mas ele me ensinou a maior lição. Aprendi o quanto o ser humano é tolo.

Sozinho, decidi ser um pouco mais Wasp e lutar pela liberdade dos animais. Fazer as coisas funcionarem, já que as leis não fazem. Decidi participar do CONCEA e do programa da Luiza Mel. Devo admitir que o programa fez mais sucesso, a justiça no Brasil é caótica.

O ser humano se achava evoluído, mas é ignorante. Precisa de tempo para perceber as coisas. Demorou para perceber a humanidade de índios e negros. Quando vai perceber a emoção do animal?

Eu estou lutando. Agora, eu tomo banho de detergente.

Os principais problemas apresentados pela redação são a compreensão estreita das instruções 1 e 2 da Proposta B, e a solução não muito feliz dada a tal proposta, em termos de concepção de enredo e personagem.

Adotando o foco de primeira pessoa, a narrativa trata de uma personagem que trabalhava na "carrocinha", referindo-se, talvez, de modo inadequado, a um Centro de Controle de Zoonoses, para onde eram encaminhados os animais abandonados e capturados nas ruas da cidade. De acordo com a narração (que reproduz uma crença partilhada por muitos), os animais capturados são sacrificados nesses centros e servem de matéria-prima para a fabricação de sabão. O protagonista da história trabalha, de forma direta, nessa "fabricação".

A suposta mudança operada na trajetória da personagem ocorre quando ela se encanta por um cão que encontra abandonado na rua e o leva para casa. O animal, entretanto, acaba sendo sacrificado ("vira sabão"), por conta de seu gosto excessivo pela liberdade. O protagonista acaba se arrependendo de sua atividade e, a partir desse momento, passa a atuar em defesa dos animais. Como se pode notar, a mudança, as razões da mesma e o conflito por ela gerado são apresentados de maneira bastante inconsistente, tornando precário o desenvolvimento do recorte temático. A personagem não revela densidade psicológica alguma. O candidato não

demonstra, portanto, domínio necessário das técnicas narrativas para construir uma personagem e um enredo convincentes. Além disso, faz um uso muito limitado da coletânea, que evidencia uma leitura bastante superficial de excertos como o um (1) e o três (3).

Em relação à norma, embora a leitura não seja muito prejudicada, a redação apresenta problemas, principalmente de ortografia, além de um uso pobre dos recursos coesivos na estruturação sintático-semântica do texto.

Exemplo de Redação Anulada

Débora Motta, recém formada em Biologia, trabalhava em um instituto de pesquisa científica e estava desenvolvendo uma nova vacina contra tuberculose. Sua experiência era um sucesso, todas as cobaias de camundongos estavam reagindo, estavam apresentando anticorpos.

Débora Motta, recém formada em Biologia, trabalhava em um instituto de pesquisa científica e estava desenvolvendo uma nova vacina contra tuberculose. Sua experiência era um sucesso, todas as cobaias de camundongos estavam reagindo, estavam apresentando anticorpos.

Débora se sentia realizada, pensava: "Vou ficar rica e a humanidade salva!"

Assim passou-se os dias, ela começou a ser admirada e reconhecida pelo seu trabalho. Aparecia em entrevistas televisivas, dava palestras. As pessoas já acreditavam na cura da doença e no aumento da expectativa de vida.

Certa vez Débora foi convocada para um debate, também passara a receber críticas de entidades que eram a favor da proteção aos animais.

Acusavam-na de crime ambiental e maus tratos por utilizar cobaias em seus experimentos, o que era uma forma de desprezo à vida e a população por não incentivá-los a obtenção da cura através de prevenções para que não adquirissem a doença e sim iludi-los com medicamentos.

Com tantas acusações, Débora sentiu-se ofendida e desmotivada para continuar suas pesquisas. Tantos anos de estudo, investimento, dedicação, impossível que estas pessoas não reconhecessem seu trabalho. Elas não precisariam mais se preocupar com a doença, era só medicar-se e estariam curadas. Pensou muito e decidiu que continuaria com seu trabalho, mesmo recebendo críticas, logo as pessoas esqueceriam isso.

Mas isso não aconteceu, as críticas aumentaram, a população estava sendo mobilizada, o governo criou uma lei que tornou ilegal a utilização de animais em práticas científicas e ela foi penalizada por crime ambiental.

Não teve outra saída, abandonou a pesquisa com cobaias, mas não desistiu de encontrar a cura, já tinha experiência, com o tempo descobriria outro método, ficaria rica e ainda salvaria a humanidade.

Em sua redação, o candidato optou pela voz narrativa em terceira pessoa para contar a história de Débora Motta, bióloga recém-formada, que trabalha em um instituto de pesquisa científica, no qual desenvolve uma nova vacina contra tuberculose, testada em camundongos.

Descumprindo a primeira instrução da Proposta B, o candidato caracterizou a personagem como uma pessoa ambiciosa, que deseja enriquecer e, ao mesmo tempo, se mostra idealista, já que pensa em ajudar a humanidade por meio de sua profissão, realizando pesquisas com o uso de animais. Não se pode dizer, portanto, que a personagem criada se caracterize pela militância em defesa da causa animal. Muito pelo contrário, trata-se antes de uma pessoa envolvida com a prática de manipulação de animais, dando motivo a acusações.

Ao longo da narrativa, o perfil de pesquisadora bem sucedida e admirada vai, aos poucos, dando lugar a uma imagem negativa do trabalho realizado. Débora passa a ser alvo de críticas por parte da população, que recrimina o uso de animais em experimentação científica e advoga a prevenção como cura para as doenças. Embora o trabalho dela seja recriminado publicamente, deixando-a desmotivada, a personagem não muda de

hábitos, não abandona a pesquisa. Em outras palavras, além de não ser caracterizada como militante, a personagem também não passa por nenhuma mudança de hábitos que evidencie uma possível adesão ou simpatia à causa animal.

A convicção de Débora sobre a validade das pesquisas a faz continuar o trabalho, pois acredita que a descoberta de medicamentos e vacinas, no futuro, será bem vista. Ao final, devido às fortes críticas e à proibição imposta pelo governo às pesquisas com cobaias animais, Débora se vê obrigada a interromper as experiências, mas continua a acreditar na cura por meio de medicamentos e pensa em buscar novos métodos para salvar a humanidade e para enriquecer.

Observa-se, portanto, que a narrativa elaborada pelo candidato não apresenta uma personagem que se caracterize pela militância em defesa da causa animal. Não havendo militância, a personagem tampouco altera seus hábitos para ser coerente com a defesa dos animais, conforme exigiam as instruções da proposta. Sendo assim, os conflitos descritos decorrem da atividade de pesquisa que Débora exerce e não de uma mudança de hábitos.

O candidato usou elementos da coletânea em sua narrativa, porém, tendo descumprido as instruções do recorte temático, deixou de realizar o que lhe foi solicitado, acarretando a anulação de sua redação.

4.3 Proposta C

Exemplos de Redações Acima da Média

Exemplo 1

Divinópolis-MG, 16 de novembro de 2008

Prezado Dr. Fernando Aquino, membro do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA) e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC),

É com grande satisfação que lhe envio esta carta Dr. Fernando Aquino, num contexto brasileiro em que as controvérsias sobre o uso de animais em experimentação científica vem ganhando importante destaque, exigindo de todos os estudiosos uma reflexão cuidadosa sobre os limites da ciência ~~de~~ diante da vida. Também sou cientista: faço pesquisas pelo Departamento de Fisiologia da UNICAMP e nossa equipe vem conseguindo excelentes descobertas científicas através de pesquisas realizadas com o uso de camundongos.

Divinópolis – MG, 16 de novembro de 2008

Prezado Dr. Fernando Aquino, membro do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA) e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC),

É com grande satisfação que lhe envio esta carta Dr. Fernando Aquino, num contexto brasileiro em que as controvérsias sobre o uso de animais em experimentação científica vem ganhando importante destaque, exigindo de todos os estudiosos uma reflexão cuidadosa sobre os limites da ciência diante da vida. Também sou cientista: faço pesquisas pelo Departamento de Fisiologia da UNICAMP e nossa equipe vem conseguindo excelentes descobertas científicas através de pesquisas realizadas com o uso de camundongos. Esta minha

formação acadêmica na área biológica pode me conduzir à defesa do uso de animais nos experimentos científicos; entretanto, afirmo que vou defender o uso de animais em experimentos científicos usando um pouco do que aprendi no curso de Filosofia, também concluído aqui na UNICAMP. Sendo assim, Dr. Fernando Aquino, eu defendo as pesquisas com animais num contexto de produção científica em que a vida e sua complexidade sejam levadas em consideração de tal modo que as repercussões das descobertas colaborem também, para a formação de um ser humano mais consciente, responsável e firme em suas atitudes favoráveis à vida.

Há muitos anos eu leio seus artigos científicos publicados pela SBPC, muitos deles no campo da ética. A sua tendência de atrair a ética para o campo das áreas biológicas, Dr. Fernando, faz do senhor o membro adequado do CONCEA para representar, junto a esse respeitável conselho, pontos de vista semelhantes aos meus, os quais procuram compreender o problema em questão a partir de uma perspectiva mais ampla.

Realmente, os ganhos na saúde da população a partir de pesquisas realizadas com animais são reais e expressivos: produção de vacinas contra a hepatite B, febre amarela, meningite e raiva constitui um importante exemplo. Além disso, há pesquisas em andamento com o objetivo de se encontrar vacinas específicas contra a AIDS, malária e leishmaniose. Desta forma, a proibição do uso de animais em experimentos científicos pode significar a interrupção abrupta dessas pesquisas, o que pode acarretar sérios problemas na saúde pública daqui alguns anos, o que significará mais sofrimento para uma população brasileira já muito marginalizada e excluída.

Nesse contexto de controvérsias, Dr. Fernando, as boas soluções vão surgindo e uma delas é o CONCEA, que terá a função de estabelecer normas, cuidados e procedimentos para o uso científico dos animais. Uma dessas importantes funções, Dr. Fernando, é a avaliação e o monitoramento de técnicas alternativas que substituam o uso de animais no ensino e na pesquisa. Isso demonstra o interesse que a equipe multidisciplinar do CONCEA possui no sentido de valorizar e visualizar a vida além da esfera do corpo físico humano, reconhecendo-a, também, nos animais que são, quase sempre, tratados como objetos.

A proibição das pesquisas com animais, se isolada, não surtirá efeito positivo na consciência humana, Dr. Fernando. É preciso encontrar um meio termo que permita respeitar o artigo 225 da Constituição Federal (que incumbe o Poder Público de proteger os animais contra os maus tratos) e permita o avanço desobstruído das pesquisas científicas, de tal forma que o homem se veja evoluindo em seus conhecimentos de forma responsável, comprometida com o que está na Lei Federal e nos códigos de ética. Acredito, Dr. Fernando, que a ética, quando praticada realmente em todas as áreas profissionais, poderá resolver controvérsias como esta aqui por mim discutida. A vivência ética desenvolve o poder reflexivo, aproxima opiniões contrárias e favorece a descoberta de uma solução benéfica a todos os brasileiros.

Agradeço, desde já, a sua atenção, Dr. Fernando, e peço que defenda esse ponto de vista mais amplo junto ao CONCEA: permitir o uso de animais em pesquisas científicas, desde que se reflita continuamente sobre a vivência ética ao longo das pesquisas. Há um desafio longo a ser superado, Dr. Fernando, e a criação do CONCEA (multidisciplinar) representa uma importante etapa.

Atenciosamente,

W.R.A.

Esta carta atende muito bem às solicitações da Proposta C, pois: atende ao recorte temático; explicita a escolha de um ponto de vista; sustenta o ponto de vista através da argumentação e endereça a carta a um membro do CONCEA. Além disso, constrói de forma muito adequada a imagem do remetente e do destinatário da carta e usa de forma articulada a coletânea.

O candidato escolhe argumentar em favor do uso de animais em experimentos científicos, colocando-se, inclusive, como alguém que desenvolve experimentos dessa forma. Contudo, não se restringe a essa visão e traz para a discussão, conforme instrução do recorte temático, a complexidade da controvérsia de tal perspectiva. Percebe muito bem o papel do CONCEA e se utiliza disso para a construção de seu argumento: os avanços científicos com experimentos animais são inegáveis, porém é preciso que o novo órgão criado seja capaz de pensá-los a partir de uma perspectiva ética que coíba abusos, que responda à legislação federal vigente e que avance a questão do monitoramento dos experimentos e da utilização de técnicas alternativas que resguardecem os animais, trazendo para a discussão uma outra perspectiva, que é a da ética. Conforme se afirmou acima, o candidato consegue explorar a complexidade do recorte temático mantendo-se estritamente nele e seguindo as instruções da Proposta C. Dado que se pedia a escolha de um ponto de vista, é bom observar que isso foi feito à risca, sem cair na armadilha de recorrer a críticas ou oposições esquematizadas entre pontos de vistas de forma superficial, o que garantiu o dinamismo do texto.

Chama a atenção a utilização muito natural da coletânea no texto que vai desde a compreensão do papel do CONCEA, presente no excerto três (3), até seu uso na sustentação dos argumentos (excerto dois (2)), sobre a

importância das pesquisas com animais no desenvolvimento de vacinas, por exemplo, e excerto um (1), sobre a lei federal). Isso demonstra uma leitura acurada da coletânea e capacidade de integrá-la a sua redação. Também demonstra um claro projeto de texto que inclui a coletânea somente quando contribui para a sustentação dos argumentos propostos. Em outras palavras, como se disse no parágrafo acima, o candidato não se deixa levar por modelos esquematizados, já que sua argumentação não é forçada em contraposições superficiais.

O autor tem muito cuidado com o tipo de texto que escolheu escrever. Percebe como construir de forma adequada o seu interlocutor, evocando-o ao longo do texto de forma coesa e deixando clara a sua escolha. A construção do destinatário não se limita, portanto, apenas às marcas formais (por exemplo, o uso do vocativo introdutório "Prezado Dr. Fernando Aquino, membro do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência"), mas remete ao cargo e às atribuições de seu interlocutor, quer na SBPC, quer em sua futura atuação no CONCEA.

Igualmente, o candidato é capaz de construir a imagem do autor de forma natural e de integrá-la à argumentação, colocando-se como alguém que desenvolve pesquisas com experimentação animal mas se preocupa com os aspectos éticos envolvidos no processo. Isso faz com que a argumentação ganhe força e se sustente também pela articulação entre as imagens construídas do interlocutor e do autor. Dessa maneira, a carta torna-se mais natural e persuasiva, cumprindo com a proposta da prova.

Há alguns problemas pontuais quanto ao uso da norma, como concordância e emprego de pontuação ou mesmo a divisão dos parágrafos, que, contudo, não prejudicam a leitura, já que os elementos coesivos do texto são utilizados de forma adequada.

Exemplo 2

Campinas, 16 de Novembro de 2008

Exmo. Ministro José Gomes Temporão.

A aprovação da lei Arouca, que autoriza a experimentação científica em animais, mostra-se extremamente prejudicial a sociedade brasileira. Digo isso, Senhor Ministro, não de maneira dogmática, mas sim baseado em fatos incontestáveis do meu cotidiano. Sou médico formado pela Universidade Federal de Minas Gerais e atuo há mais de 2 décadas em projetos sociais na região metropolitana de Belo Horizonte, visando atenuar o trágico quadro que assola a população pobre desse local. Junto a essa massa ativei-me a construir um pensamento o qual não abandono: o uso de animais em pesquisas científicas ~~sempre~~ não promove a qualidade de vida da população. Dirijo essa carta ao Senhor, Ministro, pois estou certo de que poderá influir de maneira ^{certa} ~~positiva~~ ~~na~~ ~~atuação~~ ~~na~~ reunião ~~do~~ ~~CONCEA~~ ~~na~~ ~~eliminação~~ ~~das~~ ~~pesquisas~~ ~~em~~ ~~animais~~.

Campinas, 16 de Novembro de 2008

Exmo. Ministro José Gomes Temporão:

A aprovação da lei Arouca, que autoriza a experimentação científica em animais, mostra-se extremamente prejudicial a sociedade brasileira. Digo isso, Senhor Ministro, não de maneira dogmática, mas sim baseado em fatos incontestáveis do meu cotidiano. Sou médico formado pela Universidade Federal de Minas Gerais e atuo há mais de 2 décadas em projetos sociais na região metropolitana de Belo Horizonte, visando

atenuar o trágico quadro que assola as populações pobres desse local. Tantos anos nessa atividade ajudaram a construir um pensamento o qual não abandono: o uso de animais em pesquisas científicas não são promovedores da qualidade de vida da população. Dirijo essa carta ao senhor, Ministro, pois estou certo de que poderá influir de maneira enfática, atuando no recém criado CONCEA, na eliminação das pesquisas em animais. Reporto-me ao senhor, também, pois, conhecedor de sua trajetória, sei de que aposta na saúde básica e na prevenção como a cura de muitos males.

Quando o senhor se reunir com seus pares, no Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal, espero que se recorde dessas minhas palavras. A construção de um programa de saneamento de esgoto na periferia de BH foi responsável pela elevação, em 15 anos de estudo, de 2,3 anos na expectativa de vida daquela micro-região. A retórica de que só a pesquisa faz com que surjam avanços para a sociedade evidencia-se mentirosa, portanto. Peço aos defensores do uso de animais para que lhe apresentem resultado tão maravilhoso como este em pesquisa com cobaias. Vultuosos recursos são utilizados no desenvolvimento de técnicas dentro dos laboratórios, enquanto a população padece de condições mínimas para majorar sua qualidade de vida. A mim, parece uma inversão de prioridades liberar recursos para serem investidos em duvidosos experimentos com animais ao invés de se promover a construção da saúde básica como fonte de incremento e elevação das condições da população.

Outro ponto relevante a ser debatido, refere-se ao grau de acomodação das pessoas à espera de soluções farmacológicas milagrosas, a despeito de criarem, elas mesmas caminhos mais saudáveis. Certa vez, estava eu em um posto de saúde em Contagem, na Região Metropolitana de BH, e eis que, senhor Ministro, deu-se um fato inusitado: Uma senhora cardiopata teve uma crise hipertensiva, e ao indagá-la sobre seus hábitos de vida e sobre o quão saudável ela teria de ser para evitar novos sobressaltos, ela respondeu-me que não se importava com tais questões, uma vez que logo criariam nos laboratórios um remédio que a curasse. Este exemplo, senhor Ministro, não é isolado e demonstra, inequivocamente, um fato: o progresso incutiu nas pessoas uma letargia e um sentimento de submissão ao próprio progresso. Estaria o senhor perguntando-se qual a relação com o tema 'uso de animais em pesquisas', e de forma objetiva, lhe afirmo: a proibição no uso de cobaias poderá servir de alerta a população, expondo-lhes que a cura dos males da humanidade não passam, unicamente pela Ciência. Hábitos da sociedade pós-moderna urgem ser revistos e certamente, assim, Ministro Temporão, os laboratórios deixarão de ser fontes únicas de esperança para a humanidade.

Um último ponto que espero que defenda no Conselho é a universalidade do debate. Muito embora alguns mecanismos, como a própria criação do conselho, tenham pluralizado de forma discreta o assunto, é notório que restringe-se, e muito, a comunidade científica. No nosso recente ambiente democrático, o qual o senhor ajudou e muito a edificar, a sociedade civil clama em ser ouvida. Em minhas jornadas por diversos bairros de BH, e creio que como Ministro deva ser um fato muito mais constante para o senhor, ouço de meus pacientes o repúdio à utilização de animais. Pesquisa divulgada pelo jornal 'O Estado de Minas' revela que 73% das pessoas entrevistadas se posicionaram contrariamente a liberalização, mesmo que supervisionada, do uso de animais. Não é possível, e o senhor há de concordar, que a expressiva maioria não seja ouvida em fatos tão relevantes de nossa vida republicana.

A lei Arouca mostra-se tão deletéria quanto a vixiseção. A Constituição brasileira garante a proteção aos animais em seu artigo 225, tornando, portanto, a recém aprovada lei, inconstitucional. A luta, dentro do CONCEA, deve ser para a revogação do ponto que libera o uso de cobaias e estou certo de que o seu passado não lhe deixará resignar-se com tamanha barbaridade. Reforço, senhor Ministro, que a luta contra a vixiseção é demonstração da necessidade de construir um projeto que garanta a qualidade de vida de todos nós não através da tortura a animais, mas sim priorizando a saúde básica, a prevenção e a mudança de hábitos de toda a sociedade. Que sua eloquência e força política preponderem também nessa batalha.

Grato,

PHMF

Essa carta, como a anterior, atende bem à proposta C, já que seu autor assume um ponto de vista sobre a experimentação animal, é capaz de construir uma argumentação sustentada por exemplos, tomados na discussão como 'fatos', e consegue elaborar o pedido de atuação no CONCEA através da construção adequada de seu interlocutor que, segundo visão consistentemente reiterada ao longo do texto, seria o membro que poderia compartilhar com o autor as mesmas motivações.

O candidato escolhe pleitear que seu interlocutor atue no CONCEA contrariamente ao uso de animais em experimentos científicos, propondo outras alternativas. Na mesma direção, pede que o debate seja ampliado para além do Conselho, incluindo não apenas seus membros e a comunidade científica, mas também a população leiga de forma geral. É preciso perceber que, no primeiro movimento argumentativo, o autor faz uma

opção perigosa que, se não estivesse bem sustentada, poderia levar a crer que não compreendeu adequadamente o excerto três (3) da coletânea, que trata da criação e da atuação do CONCEA. Contudo, a sustentação argumentativa dirime essa visão, inclusive quando o autor evoca o excerto um (1) – sobre a Constituição –, mostrando que, sob o prisma da lei maior, a Lei Arouca poderia ser considerada inconstitucional. Isso dá, portanto, legitimidade ao seu pleito, bem sustentado pelos exemplos construídos ao longo do texto.

A coletânea é utilizada de forma muito natural e integrada ao texto. Grande parte da argumentação baseia-se no excerto quatro (4), permitindo que o autor mostre que a promoção de hábitos mais saudáveis na população e investimentos em saneamento básico garantiriam resultados mais adequados do que a experimentação por novos medicamentos com a utilização de animais. Da mesma forma, a abolição da prática de vivissecção e a ampliação do debate aos leigos são argumentos extraídos do mesmo excerto e se encaixam de forma natural no texto.

Certamente o excerto três (3) também foi utilizado na construção do interlocutor. A escolha do Ministro da Saúde não é gratuita, mas se constrói em função da imagem do autor, que se coloca como um médico atuante em regiões periféricas e carentes. Essa imagem legítima, como argumento de autoridade, os exemplos trazidos para a sustentação do ponto de vista escolhido, assim como torna o interlocutor a pessoa ideal para a atuação pretendida no Conselho.

Há alguns problemas de coesão, especialmente ao final do texto (no penúltimo parágrafo) que, contudo, não impedem sua leitura fluente. Há, também, alguns problemas pontuais no uso da norma culta, como concordância, acentuação e pontuação, mas que não chegam a comprometer a compreensão do texto.

Exemplo de Redação Abaixo da Média

Ribeirão Preto, 16 novembro de 2008.

Prezado Senhor ministro da ciência e tecnologia:
 Como um grande amante da fauna brasileira, envio esta carta para-lhe dizer que, também sou favorável a lei Arouca. Penso que dessa maneira, fazendo experiências com animais em laboratórios, é que, vamos conseguir alcançar o sucesso para encontrar vários medicamentos e vacinas preventivas, contra doenças que até hoje no século XXI ameaçam nossa população.

Ribeirão Preto, 16 de novembro de 2008.

Prezado Senhor Ministro da Ciência e Tecnologia:

Como um grande amante da fauna brasileira, envio esta carta para-lhe dizer que, também sou favorável a lei Arouca. Penso que dessa maneira, fazendo experiências com animais em laboratórios, é que, vamos conseguir alcançar o sucesso para encontrar vários medicamentos e vacinas preventivas, contra doenças que até hoje no século XXI ameaçam nossa população.

Também sou como milhares de brasileiros, que é contra os maus tratos em animais, tanto como silvestres ou domésticos. Acho que o senhor, deveria criar uma punição rigorosa à essas pessoas que fazem isso com os animais.

Pois eu penso que seja, essa imagem passada em muitos noticiários, que deixam as pessoas com essa idéia que, experiências com animais em laboratórios, que estão sendo feitos alguns maus tratos à eles. Sou a favor de projetos como CONCEA, e também de manifestações contra violência em animais, tenho certeza que o senhor e os outros ministérios com muita competência, saberá como fazer boas campanhas em defesa dos animais, tentando fazer com que as pessoas encherquem a diferença entre em, preservar as espécies que estão ameaçadas e outras que são exploradas e torturadas como em circos, rinhas e etc. E que por meio de experiências, talvez seja a menos que mautilatem os animais, e que nela é onde conseguimos fazer experimentos de vários medicamentos e vacinas contra muitas doenças

Claro que se estudarmos outras maneiras de pesquisar, sem que, a utilização de espécies de animais fossem utilizadas seria, maravilhoso. Por isso que venho ao senhor por meio desta carta a lhe dizer que, estou disposto a lutar e a convenser as pessoas juntos a todos que esse é o melhor a fazer, e se persistirmos com essa luta conseguiremos.

Agradeço pela atenção, e estou esperando muito por isso. Muito Obrigado.

D.B.

O texto contempla o recorte temático de forma muito superficial. O candidato escolhe um ponto de vista e dirige sua carta a um dos membros do CONCEA; contudo, a argumentação é confusa e padece de sustentação. Grande parte do problema, bastante comum entre aqueles que escolheram a proposta C – deve-se ao fato de que o candidato demonstrou problemas em construir adequadamente tanto a imagem do destinatário quanto a imagem do autor, o que enfraquece a sustentação do pleito por uma atuação específica de um membro específico do Conselho. Além disso, o candidato demonstra ter feito uma leitura apressada, superficial e, por vezes, equivocada da coletânea. Há claros indícios de sua utilização no texto; porém, nem sempre de forma adequada à sustentação argumentativa esperada.

O ponto de vista assumido é aquele em prol da utilização de animais em experimentação científica em função dos avanços nas pesquisas sobre novos medicamentos e vacinas. Espera-se, portanto, que o cerne da discussão respalde essa posição e mostre ao membro escolhido do CONCEA em que sentido atuar. Entretanto, ao invés de os argumentos irem nessa direção, dispersam-se na direção da proteção de espécies ameaçadas ou de animais torturados em “circos, rinhas”, etc. Isso demonstra duas coisas: leitura superficial e equivocada de alguns dos excertos da coletânea e inabilidade na construção da imagem do autor e de seu interlocutor, como foi apontado acima.

O remetente se coloca como “um grande amante da fauna brasileira” e sugere ao Ministro da Ciência e Tecnologia, a quem dirige a carta, a criação de “uma punição rigorosa a essas pessoas que fazem isso” [praticam maus-tratos em animais silvestres ou domésticos]. Ora, o excerto um (1) mostra que há lei federal que protege a fauna e flora nacionais; e o excerto três (3) deixa claro quais são as atribuições do CONCEA, restritas ao monitoramento e à regulamentação do uso de animais em experimentação. Portanto, não cabe ao Conselho instituir punições sobre práticas perversas contra animais – fora do escopo da experimentação científica – dado que há legislação sobre o tema. O candidato toma, também, o CONCEA como um projeto, embora o excerto três (3) esclareça que se trata de um órgão já criado com atribuições específicas. De toda forma, por que o Ministro da Ciência e Tecnologia seria o membro ideal do Conselho para tal finalidade? Não há como responder à pergunta porque o texto peca ao não construir a imagem do destinatário de forma adequada. Todos esses pontos demonstram que a carta trata o tema proposto de forma banal.

Há muitos problemas no uso da norma culta que contribuem para a ineficácia do texto: ortografia, acentuação, pontuação bastante caótica, etc. Além disso, esses erros implicam também problemas coesivos e, neste caso, a leitura pode ser comprometida.

Esse tipo de problema, para além daqueles levantados especificamente em relação à Proposta C da prova, torna o texto bastante ineficaz.

Exemplo de Redação Anulada

16/11/08, Valinhos - SP

Senhor Presidente do Senado,

Fico indignado com a aprovação da Lei Arouca, já que sou completamente contra o uso de animais em testes e experiências científicas. Sou contra porque, para os cientistas terem que criar vacinas para doenças, é necessário haver um fator causador dessas doenças, e esse fator maior é o governo (não diretamente, mas sim indiretamente).

16/11/08, Valinhos – SP

Senhor Presidente do Senado,

Fico indignado com a aprovação da Lei Arouca, já que sou completamente contra o uso de animais em testes e experiências científicas. Sou contra porque, para os cientistas terem que criar vacinas para doenças, é necessário haver um fator causador dessas doenças, e esse fator maior é o governo (não diretamente, mas sim indiretamente).

O que estou querendo dizer é que, pela falta (principalmente) de saneamento básico, cada vez mais pessoas, claramente as pessoas de terceiro mundo, estão contraindo mais e mais doenças. Mas não é apenas pelo saneamento básico, mas também pela falta de educação, pela falta de informação que elas (principalmente jovens neste caso) contraem as DSTs por exemplo.

Em suma, com o investimento do governo na educação e infra-estrutura do país, os cientistas não precisariam desenvolver curas e vacinas para doenças, conseqüentemente, não usando animais como cobaias experimentais.

Isso tudo sem mencionar a Lei de Crimes ambientais, que criminaliza quem praticar maus tratos aos animais e o fundamento jurídico da Constituição Federal, que dá a obrigação ao Poder Público de proteger a fauna do Brasil à prática de crueldade, sendo que quando os cientistas fazem experiências em animais, e pior, vivos, estão praticando tais e outros crimes.

Obrigado pela atenção,

LPN

Em sua carta, o candidato posicionou-se veementemente contra o uso de animais em experimentação científica, atendendo, assim, à primeira instrução da prova, que pedia um ponto de vista claro sobre a questão.

Contudo, além de uma opinião definida sobre o uso de animais em experimentos científicos, as instruções da prova também exigiam que o candidato enviasse ao CONCEA solicitação para que esse ponto de vista adotado por ele prevalecesse na atuação do Conselho, do qual fazem parte ministros de Estado, representantes de instituições de pesquisa, de indústrias e membros de organizações de proteção aos animais legalmente estabelecidas no país (como mostra o excerto três (3) da coletânea). Portanto, era obrigatório que o candidato elegesse algum membro do CONCEA, capaz de apoiar seus argumentos contrários ou favoráveis ao uso de animais, e lhe dirigisse a carta com a solicitação.

No exemplo acima, o candidato, por ser contrário ao uso de animais, mostrou-se indignado com a aprovação da Lei Arouca pelo Senado brasileiro, que também criou o CONCEA. Assim, em vez de dirigir sua carta a um membro do Conselho, endereçou-a ao “presidente do Senado”, a fim de argumentar a respeito da necessidade

de o governo investir mais em educação e infra-estrutura de saneamento básico, de modo a evitar pesquisas científicas que visem ao desenvolvimento de vacinas. Com base nos elementos dos excertos um (1) e quatro (4), o remetente argumentou no sentido de apontar a responsabilidade do governo no combate às doenças que afetam a população e no combate aos crimes contra a fauna e a flora. Embora coerentes com o ponto de vista adotado, tais argumentos procuram rebater a aprovação da Lei Arouca, que não estava em discussão. Já tendo sido aprovada pelo Senado a lei que regulamenta o uso de animais em experimentação, pedia-se ao candidato que abordasse a atuação do CONCEA, revelando compreensão sobre sua composição e atribuições.

Nesse caso, o candidato não dirigiu sua carta a um membro do CONCEA, nem encaminhou solicitação a respeito de sua atuação. Interpretou erroneamente as instruções, deixando de cumpri-las, o que provocou a anulação de sua redação.